

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTAL-
TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

IRIS SARAIVA GOMES

**AUTOMUTILAÇÃO ENTRE OS ADOLESCENTES SOB A ÓTICA DA
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL**

Belo Horizonte

2022

IRIS SARAIVA GOMES

**AUTOMUTILAÇÃO ENTRE OS ADOLESCENTES SOB A ÓTICA DA
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo.

Belo Horizonte
2022

150	Gomes, Iris Saraiva.
G633a	A automutilação entre os adolescentes sob a ótica da
2022	fenomenologia existencial [recurso eletrônico] / Iris Saraiva Gomes. - 2022.
	1 recurso online (32 f.) : pdf
	Orientadora: Telma Fulgêncio Colares Cunha Melo.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Comportamento autodestrutivo. 2.Adolescentes. 3.Fenomenologia existencial. I. Melo, Telma Fulgêncio Colares Cunha. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

17/07/2023, 13:42

SEI/UFMG - 2475597 - Folha de Aprovação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

A AUTOMUTILAÇÃO ENTRE OS ADOLESCENTES SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

IRIS SARAIVA GOMES

monografia defendida e aprovada, no dia **dez de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo - Orientadora
FAFICH/UFMG

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 17 de julho de 2023.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Sub coordenador do curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro**, Chefe de seção, em 17/07/2023, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**, Subcoordenador(a), em 17/07/2023, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2475597** e o código CRC **0CB70211**.

https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2672374&infra_sistema...1/1

Agradeço aos meus pais pelo apoio, incentivo e compreensão em todos os momentos durante todo o período do curso.

À turma de especialização pelo acolhimento, apoio e trocas. Em especial, agradeço ao meu grupo Isabela, José Eduardo, Roseli, Samanta e Sandra que tornaram este processo mais leve.

Agradeço à UFMG e aos professores por possibilitar a realização desta especialização. À minha orientadora Telma, agradeço por toda paciência e as orientações realizadas.

RESUMO

Este trabalho aborda, na visão fenomenológica existencial, a problemática da automutilação entre os adolescentes na contemporaneidade. O número significativo de automutilação que tem chegado às escolas de ensino fundamental e médio em que a autora trabalha, despertou uma preocupação e a necessidade de elaborar um estudo bibliográfico sobre o assunto. A automutilação é um fenômeno que tem aumentado consideravelmente na contemporaneidade em diversos contextos socioculturais. Os dados epidemiológicos e informes técnicos têm mostrado a relevância da temática e o aumento significativo de casos. A referência científica para a pesquisa é a fenomenologia existencial, uma vez que ela busca a compreensão da singularidade de cada indivíduo apesar da pluralidade da automutilação. O trabalho estruturou-se em três capítulos. Iniciando pela apresentação da existência que compreende o homem como ser no mundo, ser único e singular que se constitui na relação com o mundo, e constitui-se como abertura com possibilidades de estar no mundo com os outros. É a partir desta concepção de existência que esta perspectiva vai compreender a adolescência como condição humana e crescimento singular, apesar da pluralidade do mundo, bem como compreender o fenômeno da automutilação a partir da essência do ato para cada adolescente que se automutila, realizando um trabalho dialógico com o adolescente na tentativa de auxiliar o sujeito no reconhecimento de suas restrições, bem como suas possibilidades na construção de si e de sua existência.

Palavras - chaves: automutilação, adolescência, fenomenologia existencial.

ABSTRAT

This work deals with the issue of self-mutilation among adolescents in contemporary times from an existential phenomenological point of view. The significant number of self-mutilations that have reached the fundamental schools where the author works, aroused a concern and the need to elaborate a bibliographical study on the subject. Self-mutilation is a phenomenon that has increased considerably in contemporary times in different sociocultural contexts. Epidemiological data and technical reports have shown the relevance of the theme and the significant increase in cases. The scientific reference for the research is existential phenomenology, since it seeks to understand the uniqueness of each individual despite the plurality of self-mutilation. The work was structured in three chapters. Starting with the presentation of existence that understands man as a being in the world, a unique and singular being that is constituted in the relationship with the world, and is constituted as an opening with possibilities of being in the world with others. From this conception of existence, this perspective will understand adolescence as a human condition and unique growth, despite the plurality of the world, as well as understanding the phenomenon of self-mutilation from the essence of the act for each adolescent who self-mutilates, performing a dialogic work with the teenager in an attempt to help the subject recognize his restrictions, as well as his possibilities in building himself and his existence.

Keywords: self-mutilation, adolescence, existential phenomenology.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	9
<u>1. A APRESENTAÇÃO DA EXISTÊNCIA PARA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL</u>	13
<u>2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE</u>	17
<u>3. A AUTOMUTILAÇÃO E A COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA</u>	21
<u>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	27
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre a automutilação entre os adolescentes na contemporaneidade sob a ótica da fenomenologia existencial. O interesse pelo tema surgiu a partir da atuação profissional desta pesquisadora em escolas do ensino fundamental e ensino médio do estado de São Paulo. Ao realizar os atendimentos, a autora observou um aumento significativo de casos de automutilação e isso suscitou a preocupação e a necessidade por estudar tal fenômeno.

A atuação no contexto escolar se estabelece de duas formas: ações preventivas e ações reativas. As ações preventivas têm por objetivo apoiar e realizar formação para processo de desenvolvimento das competências socioemocionais dos alunos. Para isso, utilizam-se palestras, roda de conversa e oficinas. As ações reativas visam acolher a comunidade escolar na tentativa de compreender o comportamento aparente do adolescente. Conforme a gravidade do sintoma, faz-se um encaminhamento para a rede de apoio. A rede protetiva citada, são os órgãos de saúde pública próximos a localidade escolar como: CAPS infanto-juvenil e posto de saúde.

Apesar de o atendimento ser destinado a toda comunidade escolar (alunos, pais, professores e funcionários), observa-se que os alunos são os que mais procuram o atendimento. Estes chegam ao atendimento através de indicação da gestão escolar, demanda espontânea ou após a participação em roda de conversa.

No cotidiano do seu trabalho, a autora observou que entre a demanda escolar, a automutilação se destacou consideravelmente. Ao realizar os acolhimentos foi desvelando que esse fenômeno é multifatorial, e os relatos são diversos devido a singularidade de cada um.

Segundo Reis (2018), a automutilação é o comportamento intencional que provoca danos a uma parte do próprio corpo. Para atingir tal objetivo, utiliza-se objetos cortantes ou perfurantes. Em outros casos a pessoa pode aferir machucados em si mesma, batendo, arranhando, mordendo, queimando ou puxando o cabelo. (YANO & FIGUEIREDO, 2021) Quanto à nomenclatura, nas referências bibliográficas estudadas, autores como: Reis (2018); Bernardes (2015); De Oliveira (2021); Campos

(2021);Oliveira (2021); Lima (2019) YANO & FIGUEIREDO (2021) tem utilizado como sinônimo: autolesão, violência autoinfligida ou auto provocada, escarificação, *cutting*. Mas o presente trabalho delimita-se por abordar a automutilação realizada com objetos cortantes.

A automutilação foi reconhecida como questão de saúde pública no Brasil em 2011, quando foi incluída na lista de agravos de notificação compulsória no sistema de notificação de agravo de notificação (SINAN), bem como na lista de notificações universais. (BRASIL, 2020).

Em boletim epidêmico emitido pelo Ministério da Saúde em setembro de 2021 no estado do Rio de Janeiro, foram divulgados resultados de um levantamento realizado entre 2011 e 2019 a partir das notificações de automutilação registradas durante este período. Constatou-se que o segundo maior número de casos ocorre com os adolescentes e que estas notificações têm aumentado com o passar dos anos. (BRASIL, 2021).

No Brasil, entre os anos 2011 e 2016 foram notificados mais de 300 mil casos de automutilação. Os dados apontam que quase metade dos casos notificados ocorreu na faixa etária de 15 e 29 anos, com prevalência de 67,3% em mulheres e 32,7% em homens. (BRASIL, 2016).

No contexto atual, a população mundial está enfrentando a pandemia de COVID-19, uma doença infecciosa, causada pelo novo coronavírus, que pode consequentemente levar a quadros respiratórios mais sérios. Em dezembro de 2019 iniciaram os casos na China, mais tarde, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia pela COVID-19 no Brasil. (NUNES, 2020).

Estados como São Paulo e Goiás divulgaram um informe técnico com resultados dos levantamentos de notificações de violência autoprovocadas comparando o número de notificações antes e depois da determinação do isolamento social. Em São Paulo houve um aumento nos três primeiros meses da pandemia e de abril a junho uma queda de notificações. (NUNES, 2020; BRASIL, 2022).

Na cidade de Goiânia-GO, foi identificado, no início do isolamento social, uma queda de notificações, mas, após agosto de 2020, houve crescimento nos números, ultrapassando o total de notificações em todos os anos anteriores. Estes dados

mostram que houve um aumento de 67% de violências autoprovocadas, sendo que adolescentes do sexo feminino foram as que mais tentaram suicídio e automutilação.

A automutilação não-suicida, aparece no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) *American Psychiatric Association* (2014) na parte de estereotipias motoras e como um importante critério do Transtorno de Personalidade Borderline.

Diante disso, a automutilação é uma problemática que tem aparecido com frequência em atendimentos clínicos nos consultórios de psicologia e nas escolas. Tem se mostrado uma importante questão de saúde que necessita cada vez mais de estudos para auxiliar os profissionais que lidam diretamente com esta demanda.

Neste sentido, este estudo pretende contribuir com mais uma pesquisa que aborda o fenômeno da automutilação pela perspectiva da fenomenologia existencial. A pergunta norteadora desta pesquisa é: como a fenomenologia existencial compreende o fenômeno da automutilação entre os adolescentes na contemporaneidade?

A defesa da singularidade é um dos pilares da psicologia fenomenológica, que compreende o ser humano como uma pessoa que se constitui nas relações com o mundo. Desta forma, todo ser humano é único e singular, capaz de realizar suas escolhas, como ser de abertura e possibilidades.

A partir das pesquisas e leituras realizadas, foi possível identificar a pluralidade da automutilação e, apesar desta pluralidade, a fenomenologia existencial vai buscar compreender este fenômeno, o sentido que a automutilação tem para cada indivíduo. Para isso, é necessário olhar para o contexto contemporâneo no qual o adolescente está inserido, a história de cada um. Retirando o foco do sintoma para compreender o ser adolescente que se automutila e o que acontece com cada paciente que nesse momento tem utilizado a automutilação para alívio da dor emocional.

A presente pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é produzida a partir de estudos realizados e dispostos na literatura acadêmica, pode-se utilizar referências de artigos, monografias, teses e livros sobre a temática para elaborar um novo estudo. Então, foi possível consultar as publicações de autores na abordagem como: SALASKIS (1951); TEIXEIRA (2006);

HAN (2013); ROEHE (2014); DETTONI (2016); FREIRE (2020); FRANCESETTI (2021); BOCK (2007); BARONCELLI (2012); ZANELLA (2013/2021); REIS (2018), entre outros.

O presente estudo estruturou-se em três capítulos:

O primeiro capítulo, pretende refletir sobre a condição humana, tomando como base a psicologia existencial fenomenológica a qual substitui os sistemas científicos e as teoria que consideram o homem a partir de uma construção em si mesmo na pluralidade do mundo, pelos fundamentos da psicologia existencial fenomenológica, que, por sua vez, está alicerçada na filosofia da existência e no método de conhecimento fenomenológico. Nesta visão, o homem constitui-se como abertura, com possibilidades de estar-no-mundo-com-os-outros em sua cotidianidade imprópria e impessoal e ao mesmo tempo, própria e singular.

O segundo capítulo, versa sobre o adolescer como condição humana. O processo de crescimento do ente homem na contemporaneidade que recebe cientificamente o nome de adolescência. As reflexões transitam pela diversidade das teorias científicas do desenvolvimento cognitivo e emocional do humano na adolescência, para, em um segundo momento, compreender a adolescência como crescimento singular, apesar da pluralidade do mundo e o caminho a ser percorrido por todo ente humano enquanto constrói a si mesmo no mundo, na sua singularidade espaço temporal.

O terceiro capítulo, reflete sobre a automutilação na tentativa de compreender o sentido da vivência do fenômeno, na singularidade de cada adolescente no mundo cotidiano tendo como fundamentação teórica a psicologia existencial fenomenológica.

A motivação desta pesquisa bibliográfica surgiu a partir do crescimento do fenômeno automutilação entre a população de adolescentes enquanto assistidos pela autora em algumas escolas de ensino médio e últimos anos do ensino fundamental do Estado de São Paulo.

1 A APRESENTAÇÃO DA EXISTÊNCIA PARA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

A fenomenologia existencial concebe o homem como *ser-no-mundo*, isso significa que o homem foi lançado no mundo e, a partir disso, está em uma dialética homem-mundo, em que um constitui o outro. Logo, homem e mundo não se separam, sendo o homem historicidade que carrega consigo suas vivências que se constituem como referência para o seu vir-a-ser. Enquanto *ser-no-mundo*, ele ocupa um determinado ponto da história e um espaço que está inserido em uma conjuntura política e social e um contexto familiar. O mundo, por sua vez, a partir da relação com *ser-no-mundo* está em constante transformação, e é nesse relacionar homem e mundo, mundo e homem que ambos vão se afetando, modificando-se e se construindo em relação à temporalidade e historicidade (DETONI, DETONNI & DETONNI, 2016; ROEHE, 2014).

O mesmo é apontado por Salanskis (1951) sobre a existência. Um dos aspectos que caracterizam o ser humano é ter um mundo. É possível ao homem *ser-no-mundo*, uma vez que possui consciência de sua presença no tempo e no mundo. E isso é o que diferencia o ser humano dos não-humanos: a sua consciência.

Além do caráter da consciência, um aspecto que diferencia o ser humano dos demais entes é a capacidade de o ser humano se questionar sobre si, ou seja, dentre os demais entes, o ser humano é o único que se questiona pela sua existência e pela existência dos demais entes ao seu redor (MARTINS FILHO, 2010; DETONI, DETONNI & DETTONI, 2016).

Ainda conforme Dettoni, Dettoni e Dettoni (2016), ao ser lançado no mundo, há constitutivamente o encontro com os outros, ou seja, *ser-no-mundo-com-os-outros*, uma vez que o ser humano não viverá isolado, estará cercado pelo convívio com os outros humanos e não humanos e é nesse meio que o ser humano se desenvolve e se projeta. Logo, para existir o homem, necessita-se da presença de outros que habitem o mesmo espaço e momento histórico para conviver no cotidiano.

Compreender o homem como *ser-no-mundo* e *ser-com* é levar em consideração seu contexto, o tempo e espaço que habita e as relações constituídas. O sujeito, nesta perspectiva, é compreendido como singular e vive em contextos

diferentes e se relacionam à sua própria maneira. No entanto, ao buscar a compreensão deste, é preciso olhar para todas estas questões que o envolvem.

Segundo Dettoni, Dettoni e Dettoni (2016) e Roehe (2014), o homem também é um ser de abertura. Isso significa que o ser-aí está no mundo e aberto para o mundo. Esta abertura se refere à disposição afetiva, ou seja, está sempre em algum estado de humor. Diferente dos demais entes que são fechados em si, o humano não é neutro, o mundo à sua volta ressoa em seu ser através de sua existência e a ressonância é expressa através do estado de humor, que se expressa na linguagem verbal e não-verbal.

Assim, a abertura permite ao homem colocar-se no mundo e ser tocado pelo mundo e, conforme o humor e a ressonância, ele se aproxima ou se distancia das possibilidades.

Esta abertura, expressa pela consciência de si e dos outros e efetivada pela linguagem, é a base da evolução do homem e de sua liberdade. Prova-lhe, ao mesmo tempo, sua incompletude. Os outros entes, de acordo com essa filosofia, na sua completude, são fechados, são coisas; o homem, na sua incompletude, na sua abertura, na sua liberdade, é pessoa, ser que fala e, pela fala, dá sentido ao mundo. “O mundo é uma parte do homem (enquanto o significado, de cada ente e do próprio homem, depende do projeto em que está inserido)” (BEAINI, 198, *apud* DETTONI, DETTONI e DETTONI, 2016, p. 31).

Desta forma, compreende-se que o homem é um ser em constante transformação, nunca está encerrado em si, está sempre em aberto, em evolução, sempre em projeto. Isso também o torna diferente dos outros entes, pois, para a pessoa, existe sempre o que completar e várias possibilidades de vir-a-ser.

Além disso, o ser humano é visto como um ser capaz de construir o seu próprio caminho, sendo este um ser consciente que faz suas escolhas de forma livre e autêntica. Realizando suas escolhas, descobre-se enquanto ser de inúmeras possibilidades. O projeto existencial, por sua vez, é o que une passado, presente e futuro. Esta sequência proporciona uma coerência para o ser humano que reflete nas escolhas feitas em todos os níveis da sua existência. Todo ser humano está ancorado em seu passado e projetando um futuro e o presente seria um situar-se entre os dois (DETTONI, DETTONI & DETTONI, 2016; TEIXEIRA, 2006).

No espaço temporal presente, o homem traz em sua historicidade o ontem e todo o vivido. Juntam-se a isso todos os projetos para seu futuro, mas é no aqui-agora que ele se constrói enquanto existência. Conforme os autores Roehe (2014) e Salanskis (1951) sinalizam, a existência se torna uma questão para o próprio homem que busca sempre corresponder a um “ter que ser”; sua tarefa é projetar um futuro. Uma das principais formas de interesse no futuro se dá pelo trabalho, a ocupação profissional faz com que o homem se volte para o mundo. É nesse lugar que este coloca o sentido de seu existir.

O sentido será como uma direção, uma finalidade que irá puxar o homem do seu presente para um projetar para a frente, sempre em frente por toda sua existência até o fim. Segundo Roehe (2014), o homem, ao ser lançado no mundo, entrará em contato com as coisas tais como são. Uma delas é a morte. Por estar no mundo, tem-se a certeza que um dia a morte chegará e a morte carrega o significado do fim de todas as possibilidades e a certeza de não vir-a-ser. Logo, o ser humano deve buscar realizar a própria vida, o sentido de sua existência, sabendo que a morte chegará.

A fenomenologia existencial busca a compreensão do homem como ser-no-mundo, ser consciente, singular e como abertura para estar no mundo com os outros. Esta visão inclui todos os ciclos de sua existência, partindo de seu nascimento até a sua morte. É a partir desta concepção de homem enquanto existência, que o psicólogo vai trabalhar com o sujeito em psicoterapia.

Segundo Sá (2011), o trabalho do psicólogo fenomenológico existencial é diferenciado, uma vez que se caracteriza em três aspectos que se articulam entre si: o abandono de posturas que restringem o ser humano à suas dimensões orgânicas, psicológicas ou sociais; o abandono de posturas técnicas em que o psicólogo é o centro do processo psicoterápico; e o abandono de expectativas em relação ao trabalho de atenção e cuidado em terapia.

Considerando os aspectos clínicos citados, o psicólogo que se orienta por esta perspectiva, busca sair de uma postura técnica para a compreensão do ser humano em sua totalidade, alteridade, concretude e singularidade (LUCZINSKI, 2010). O trabalho do psicólogo é um trabalho de cuidado, acolhimento e de presença. É um trabalho dialógico onde o foco principal está na relação acolhedora e respeitosa que o profissional estabelece com o paciente.

Assim, reflete Lima (2008) e Reis (2018): a relação dialógica estabelecida entre terapeuta-cliente facilita o contato com o ser em sofrimento, para que o mesmo se sinta acolhido, saindo do lugar de restrições para encontrar outras possibilidades. Colocando o sujeito em contato com sua vivência, seus sentimentos e atitudes, ele é levado ao processo de se reconhecer e tomar suas decisões.

Logo, o exercício da psicologia clínica não tem como foco o fato em si, os comportamentos e sintomas apresentados pelo sujeito e, sim, a tentativa de auxiliar a pessoa a encontrar com o que lhe é próprio, sua singularidade.

A singularidade humana é um dos pilares da clínica fenomenológica existencial, pois se trabalha com o sujeito e cada sujeito é único e singular, cada pessoa tem a sua forma de perceber o mundo, de estar no mundo com os outros. E isso não é visto na psicopatologia geral. Segundo Moreira (2015), a psicopatologia geral busca adequar os sintomas apresentados a uma série de critérios dispostos nos manuais de transtornos mentais, nos quais se busca a identificação e a explicação dos sintomas.

Por outro lado, Francesetti (2021) destaca que estudar psicopatologia geral é necessário para o fazer clínico, uma vez que encontramos nos modos de sofrer, aspectos universais e singulares, ou seja, apesar de encontrar diferentes modos de ser nas diferentes culturas e sociedades, as patologias apresentam modos característicos em sua forma de se apresentar ao mundo e sua evolução clínica e, ao mesmo tempo, são encontradas características únicas que não se repetem em determinados pacientes.

Portanto, consideram-se os estudos dos sintomas, mas o foco é no ser humano que sofre, compreendendo os modos de ser e de estar no mundo e o contexto no qual está inserido. Para compreender o fenômeno da automutilação que está se evidenciando entre os adolescentes na contemporaneidade, torna-se importante compreender a adolescência como condição humana e crescimento singular no mundo, como será descrito na próxima sessão.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo Bock (2007) e Zanella *et al.* (2013), a adolescência é marcada por uma aceleração do desenvolvimento corporal e mental, em que o jovem passa por dificuldades e tensões em busca do seu crescimento. Nesta fase da vida, também ocorrem o aparecimento de várias características como inconstância emocional, isolamento, confrontação, agressividade, baixa produtividade, busca da identidade, busca de pertencimento e busca de independência.

A psicologia desenvolvimentista, que tem como base as teorias do desenvolvimento, dificulta a compreensão do adolescer como crescimento quando considera aprioristicamente a adolescência como fase conturbada, cheia de conflitos e comportamentos problemáticos, concepção essa que é passada aos pais e professores através de estudos publicados. Não leva em conta o contexto em que este adolescente está inserido e como experimenta suas relações (BOCK, 2007; ZANELLA *et al.* 2013).

A adolescência não é uma fase, segundo Oliveira (2016), a palavra adolescência tem origem da palavra *adolescere* que vem do latim *ad* (a, para) e *olescere* (crescer), por outro lado, a palavra *adolescere* também tem o significado de adoecer. Portanto, *adolescere* aponta que o jovem tem possibilidade de crescer e adoecer.

O adolescente vive um processo natural do fenômeno da puberdade que é caracterizado por uma aceleração do desenvolvimento biológico em um curto espaço de tempo como: crescimento/estiramento, modificação da forma corporal, desenvolvimento dos órgãos genitais, surgimento de pelos pubianos, e nas meninas o crescimento dos seios e a primeira menarca. (LOURENÇO, 2010).

Não obstante, vivencia descobertas nas relações com os outros, vivendo novas experiências e sensações como: novas amizades, sair para festas, a primeira relação amorosa, o primeiro beijo, a primeira relação sexual, uso de preservativos entre outros. Também ocorre na adolescência a inserção social e econômica do sujeito, o primeiro emprego, o descobrir vocacional, o exercício social do voto, as responsabilidades consigo e com o futuro. (ZANELLA *et al.* 2013; FREIRE, 2020).

A fenomenologia existencial pensa isso em processo de construção com o mundo, onde o ente humano que recebe o nome cientificamente de adolescente cresce e se constrói no mundo e com o mundo no seu eterno processo de vir-a-ser.

Pensando a adolescência enquanto construção no mundo em que vive, é preciso olhar para o mundo contemporâneo, uma vez que a adolescência atual não é a mesma da dos séculos passados. Dito isso, ao buscar a compreensão dos modos de adolecer contemporâneos é preciso compreender as mudanças sócio-históricas que ocorreram.

O adolescente vive em um mundo marcado por transformações, algumas dessas mudanças são: a sofisticação do trabalho, o consumismo, o desenvolvimento tecnológico e as relações constituídas na contemporaneidade. (BOCK, 2007; BARONCELLI, 2012).

A sofisticação no mundo do trabalho, conforme afirmam Bock (2007) e Baroncelli (2012), trouxe maiores exigências de pré-requisitos, aprendizagens e aperfeiçoamento, o que tem se configurado como desafiador para alcançar uma boa recolocação no mercado de trabalho. Com isso, existe uma necessidade que o adolescente busque aprimoramento, curso e estude por mais tempo.

O consumismo, por sua vez, trouxe poder de compra, poder de escolha, de troca, conforme necessidade e interesse e a rapidez para adquirir o que deseja. Bauman (2001) reflete sobre a sociedade contemporânea como a sociedade de consumidores, e como isso tem refletido na forma como as pessoas se percebem e percebem o outro. As pessoas consideram a si mesmo e os outros como mercadorias.

Soma-se a isso, o desenvolvimento tecnológico, hoje é possível o acesso à informação em tempo hábil, conversar com pessoas que moram distantes, realizar várias tarefas por meio de aparelhos eletrônicos. Isso promoveu, de certa forma, um encurtamento da distância entre as pessoas e uma sensação de encurtamento do mundo e do tempo, devido à tecnologia ter facilitado o acesso e a comunicação com pessoas que moram em outras localidades (FREITAS; OLIVEIRA & MELO *et al.* 2021).

As relações estabelecidas neste cenário também sofreram modificações, estão fragilizadas, assim, reflete Han (2013), os vínculos construídos nos tempos atuais

estão marcados por uma falta de vitalidade, o que de certa forma provoca uma espécie de desenraizamento. Isso significa que as pessoas não se aprofundam nas relações, pois desconsideram a alteridade do outro.

Da mesma forma, aponta Bauman (2001), os laços e vínculos constituídos no século XXI são líquidos. Isso quer dizer que são relações estabelecidas de forma rasa e não durável. E as relações atuais recebem o nome “líquida” pois é pensado a partir das marcas da sociedade atual: incerteza, volatilidade, insegurança, liberdade, felicidade e consumismo. Então, compreende-se que são relações fragilizadas, com dificuldade de criar laços e se identificar.

Logo, o que tem se observado em adolescentes na contemporaneidade, é uma praticidade em lidar com os diferentes estímulos, realização de várias tarefas ao mesmo tempo, execução rápida das atividades, celeridade e impaciência, agitação, tudo precisa ser rápido e imediato.

Segundo Zanella e Pinheiro (2021), o desenvolvimento tecnológico e a internet como forte meio de informação e comunicação na atualidade, está modificando as formas de estabelecer relações no mundo, principalmente entre os adolescentes. Com o ambiente cheio de estímulos, estes acabam por reconfigurar os modos de estar no mundo. Atualmente, observa-se que os adolescentes também têm apresentado mudanças constantes de interesses, mudam de opinião rapidamente, o que estava bom, logo não está mais. E nas relações, têm se comunicado mais por redes sociais, com uso de uma linguagem abreviada, têm preferido comunicar-se por celular em detrimento de conversas presenciais.

O mundo se transforma constantemente ao longo da história, com sua pluralidade e diversidade, e o adolescente percorre este caminho enquanto constrói a si mesmo no mundo. Neste relacionar com o mundo, ambos vão se afetando e se modificando e se construindo no espaço temporal.

Por todo este construto teórico descrito acima, é possível compreender como o perfil dos adolescentes que chegam ao acolhimento tem mudado. Os mesmos têm se queixado de dificuldades de lidar com as emoções e sentimentos, baixa autoestima, solidão, desamparo e constantemente se comparam com os outros. Na atuação profissional da autora no contexto escolar, ressaltando que não existem dados científicos, e sim uma observação com base na prática profissional, têm aparecido

demandas diversas e, dentre elas, a que se destacou consideravelmente foi a automutilação.

3 A AUTOMUTILAÇÃO E A COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

A automutilação é o ato de violentar a si mesmo em que uma pessoa provoca de forma intencional cortes, ferimentos ou machucados no próprio corpo. Nas referências bibliográficas estudadas, encontram-se termos diferentes para se referir a automutilação como: autoagressão, autolesão, violência autoprovocada, violência autoinfligida, entre outros (REIS, 2018; BERNARDES, 2015).

Além de vários termos para se referir à automutilação, existem muitos comportamentos que são identificados como violência autoinfligida, como queimaduras, cortes, bater no próprio corpo ou cabeça, se morder, arranhar a pele com uso de agulhas ou puxões de cabelo. Enfim, todo tipo de comportamento que tem por finalidade violentar a si mesmo. (LIMA, 2019; YANO & FIGUEIREDO, 2021).

A automutilação no Brasil, foi reconhecida como uma questão de saúde pública e a incluíram na lista de doenças e agravos de notificação compulsória no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e, logo após, também foi inserida entre as notificações universais em 2011. (BRASIL, 2020).

O reconhecimento da automutilação enquanto saúde pública foi muito importante. Segundo Felilpe (2019) a partir deste reconhecimento, tornou-se obrigatório realizar notificações ao tomar conhecimento de casos de automutilação, sendo possível quantificar estes casos e passar aos setores que compõem a política nacional de prevenção à automutilação.

A partir das notificações, é possível aferir e identificar o número considerável de automutilação, e em qual faixa etária isso tem ocorrido com maior prevalência. Segundo Brasil (2021), foram divulgados resultados de um levantamento realizado entre 2011 e 2019 a partir das notificações de automutilação registradas durante este período no estado do Rio de Janeiro. O levantamento constatou que o segundo maior número de casos ocorre com os adolescentes e que estas notificações têm aumentado com o passar dos anos.

Estados como São Paulo e Goiás divulgaram um informe técnico com resultados dos levantamentos de notificações de violência autoprovocadas comparando o número de notificações antes e depois da determinação do isolamento

social. Em São Paulo, houve um aumento nos três primeiros meses da pandemia e, de abril a junho, uma queda de notificações. (NUNES, 2020; BRASIL, 2022).

Na cidade de Goiânia-GO, foi identificado, no início do isolamento social, uma queda de notificações, mas, após agosto de 2020, houve crescimento nos números, ultrapassando o total de notificações em todos os anos anteriores. Estes dados mostram que houve um aumento de 67% de violências autoprovocadas, sendo que adolescentes do sexo feminino foram as que mais tentaram suicídio e automutilação.

Levando em consideração a relevância da automutilação, neste trabalho será abordado como esta problemática vem sendo apresentada nas referências bibliográficas estudadas, para depois apresentar como a fenomenologia existencial compreende a automutilação, bem como trabalha com o adolescente que se automutila.

Nos estudos de Yano e Figueiredo (2021); Freitas *et al.* (2021) e Campos (2021), são encontradas explicações genético-causais como: problemas vividos na infância, perdas, sofrimentos emocionais como influência para o surgimento do comportamento autolesivo. Outrora, o uso das redes sociais como incentivo para os adolescentes que se inserem em grupos virtuais nos quais são compartilhadas vivências com a automutilação.

A pontuação dos autores é pertinente, mas, por outro lado, observa-se que a divulgação do fato acontece depois deste modo contemporâneo de sofrimento ter se tornado um fenômeno social. Assim, a mediação pode contribuir com o aumento ou de certa forma *glamourizar* o fato, mas, anterior a isso, já existiam muitas ocorrências. Desta forma, julga-se importante que o assunto seja tema de pesquisas a fim de buscar novas compreensões e ajudar aqueles que estão em sofrimento.

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), *American Psychiatric Association* (2014) a automutilação não é apresentada como um transtorno em si. Mas aparece como critério de transtornos mentais como: transtorno do movimento estereotipado e Transtorno de Personalidade Borderline.

O transtorno de movimento estereotipado é caracterizado por um comportamento repetitivo, direcionado e sem propósito aparente, em que uma pessoa aperta ou abana as mãos, balança o corpo, bate na cabeça, morde ou machuca o

próprio corpo. O transtorno do movimento estereotipado pode acontecer com comportamento autolesivo ou sem comportamento autolesivo. A seguir os critérios para o referido transtorno:

O Critério A exige que os movimentos sejam “aparentemente” sem propósito. Todavia, eles podem atender a algumas funções. Por exemplo, podem reduzir a ansiedade em resposta a estressores externos. O Critério B informa que os movimentos estereotipados interferem em atividades sociais, acadêmicas ou outras e, em certas crianças, podem resultar em autolesão (ou resultariam se medidas de proteção não fossem usadas). Se autolesão estiver presente, ela deve ser codificada usando-se o especificador. O início dos movimentos estereotipados ocorre no início do período de desenvolvimento (Critério C). O Critério D afirma que comportamento repetitivo e estereotipado, no transtorno do movimento estereotipado, não é atribuível a efeitos fisiológicos de uma substância ou à condição neurológica e não é mais bem explicado por outro transtorno do neurodesenvolvimento ou mental. A presença de movimentos estereotipados pode indicar um problema do neurodesenvolvimento não detectado, em especial em crianças entre 1 e 3 anos de idade. (American Psychiatry Association, 2014, p. 122).

A automutilação também aparece como um importante critério do Transtorno de Personalidade Borderline 301.83 (F60.3). A automutilação aparece como quinto critério que compõem o conjunto de critérios para este transtorno. Conforme descrito a seguir:

As pessoas com Transtorno de Personalidade Borderline apresentam, de maneira recorrente, comportamento, gestos ou ameaças suicidas ou comportamento automutilante (Critério 5). O suicídio completado ocorre em 8 a 10% desses indivíduos, e os atos de automutilação (por ex., cortes ou queimaduras), ameaças e tentativas de suicídio são muito comuns. A automutilação pode ocorrer durante experiências dissociativas e frequentemente traz alívio pela reafirmação da capacidade de sentir ou pela expiação do sentimento de ser mal (American Psychiatry Association, 2014, p. 665).

De acordo com o exposto, Yano e Figueiredo (2021) apontam que a automutilação não-suicida, aparece como sinais e sintomas de outros transtornos como: transtorno depressivos, dissociação e bipolaridade. Mas, no cenário atual, estes sinais e sintomas de automutilação têm aparecido em contextos não clínicos, como no contexto escolar.

Ainda conforme Yano e Figueiredo (2021), é necessário o cuidado para levantar hipóteses diagnósticas, principalmente na adolescência, é muito comum confundir as crises da adolescência com transtornos mentais. Nestes casos, é necessário se perguntar se é uma manifestação da adolescência ou um adoecimento.

Diante do exposto, é necessário um olhar fenomenológico existencial que busca compreender este fenômeno a partir do sentido do ato de automutilação para cada adolescente. Diferente do modelo hegemônico de interpretação da automutilação (DSM-5).

Este modelo de interpretação, desconsidera a singularidade, a história e o contexto no qual a automutilação se apresenta. A psicopatologia fenomenológica, por sua vez, busca considerar a singularidade de cada pessoa com a intenção de compreender a essência do que aparece no ato da automutilação como possibilidade de expressão do modo de ser (REIS, 2018). Levam-se em consideração todas as concepções de automutilação, mas ao atender o sujeito, volta-se para ele, realizando este movimento de questionar o sentido da automutilação para ele, explorando estas significações, para que, assim, o existente possa aparecer como ser.

A automutilação é uma expressão do corpo, uma fala através dos cortes, e essa marca aponta que existe uma relação de conflito com o mundo, pois encobre sentimentos que não descobriram outra forma de serem externados de acordo com Reis (2018); Lima (2019) e Oliveira (2021).

Assim, a automutilação é o modo de revelar ao mundo que algo está falhando. Enquanto existência, o adolescente tem necessidade básica de pertencimento para se fortalecer como ser-no-mundo e, como as relações são superficiais no cenário atual, como existir, como expressar sentimentos se estamos desaprendendo a falar? Como se revelar triste numa sociedade que precisa ser o tempo todo positiva e feliz?

De acordo com o exposto em seus estudos, Bernardes (2015) compreende que o adolescente que está vivendo algum problema se encontra em lugar de invisibilidade e, ao utilizar a automutilação como maneira de se expressar, o mesmo torna a sua dor visível. Neste sentido, para a referida autora, a automutilação seria uma necessidade do adolescente ser visto pelo outro.

Assim, a visibilidade como existência só acontece a partir de um ato de autoflagelação e, infelizmente, esse olhar vem carregado de uma tendência de classificar os comportamentos considerados diferentes como transtornos e junto com isso a medicação para corrigir tal comportamento ou incentivo para acompanhamento com especialista. (FRANCESETTI, 2021). Porém, a questão é bem mais complexa e

passa pelo nosso modo de ser-no-mundo, e como nossa sociedade se distancia cada vez mais do modo mais autêntico de ser, que é *ser-com*.

A partir da experiência desta pesquisadora no trabalho como psicóloga escolar, foi possível escutar falas de adolescentes descrevendo como é para eles vivenciar este fenômeno. Durante os atendimentos surgiram relatos que mostravam, em alguma medida, o sentido dos cortes realizados. Alguns disseram que, quando se cortavam, não sentiam mais dor emocional. Outros relataram que se cortavam e deixavam os cortes à mostra, o que sugere o desejo de serem percebidos pelos familiares. Um outro componente motivador observado nos atendimentos foi o de influência de amigos. A raiva persistente também foi apresentada por alguns adolescentes como motivação para se cortarem.

Os relatos sugerem que o ato vem como instrumento para expressar vivências que não foram expressas no falar, negligência, abandono, influência, ódio. Mas o que eles falam e qual o sentido real? Só uma escuta conduzida por uma atitude fenomenológica poderá buscar esta compreensão junto a cada um.

A psicologia fenomenológica existencial realiza um trabalho de cuidado, de acolhimento, de presença, em um trabalho dialógico onde o foco principal é a relação acolhedora, respeitosa e de parceria que é estabelecida entre profissional e paciente. (MELO, 2018). A postura do profissional sai do desejo de eliminar o sintoma, para a possibilidade de compreender o adolescente, portanto, o "ser" do adolescente que se automutila.

O profissional desloca-se da postura de avaliador, contestador, moralista e explicador para uma postura de cuidado, de acolhimento de presença que pode facilitar a compreensão do modo de ser de cada adolescente no contexto em que ele vive. Sai da pluralidade das teorias sobre a automutilação para a compreensão da singularidade de cada adolescente que se automutila.

A tentativa do trabalho é auxiliar o adolescente na compreensão de suas limitações e restrições, bem como o reconhecimento de suas possibilidades no mundo com os outros e as suas responsabilidades de cuidar de si e da construção da sua existência.

Diante disso, é fundamental uma abordagem como a fenomenologia existencial, que busca a essência do fenômeno, o sentido da automutilação para o adolescente que está em sofrimento, quais as possibilidades dentro deste modo de ser, o que este modo de ser revela quando se corta. Por se tratar de um fenômeno complexo que tem aumentado muito nos últimos anos, agravado pela pandemia da COVID-19, é de extrema necessidade mais estudos acadêmicos sobre o tema, principalmente dentro da fenomenologia existencial, que tem muito a contribuir para ampliar a visão de pais, educadores e profissionais da saúde para uma problemática que tem sido cada vez mais constante em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos abordados, o presente estudo teve por objetivo responder à questão norteadora: como a fenomenologia existencial compreende o fenômeno da automutilação entre os adolescentes na contemporaneidade?

A automutilação é uma questão de saúde pública complexa e multifacetada. Cada sujeito que se automutila atribui um sentido próprio à ação de automutilação. O reconhecimento deste fenômeno enquanto questão de saúde pública, foi muito importante. A partir disso, tornou-se obrigatório notificar a ocorrência destes casos, sendo possível quantificar dados afim de se pensar em estratégias de prevenção e enfrentamento.

Os dados apresentados nesta pesquisa revelam como este fenômeno tem aumentado de forma significativa com o passar dos anos. Há um grande acometimento de adolescentes, sendo que, entre este público, a prevalência tem sido do sexo feminino. Ainda são poucos dados em relação ao fenômeno de automutilação durante a pandemia de COVID-19. Mas, os encontrados apontam que, após um tempo em isolamento social, o número de notificações aumentou.

Dada a complexidade do tema e a gravidade do problema, considera-se relevante a ampliação e o aprofundamento no levantamento destes dados. Importante também pesquisar se em outras cidades e estados também foram observados aumentos de notificações em relação à pandemia e ao período em isolamento social para que um recorte temporal específico deste contexto histórico ajude a compreender mais o fenômeno.

A partir das pesquisas e leituras realizadas, foi possível traçar um caminho para a compreensão do tema proposto. Caminho este iniciado pela apresentação da existência para a fenomenologia existencial, a qual compreende o homem como ser-no-mundo, ser consciente, único e singular que se constitui em relação com o mundo e como abertura para estar no mundo com os outros. Uma escolha com base nesta concepção de homem enquanto existência, que compreende a adolescência como crescimento singular, apesar da pluralidade do mundo, para, por fim, compreender a automutilação por esta perspectiva.

A fenomenologia existencial, ao buscar compreender o fenômeno da automutilação, levará em consideração as concepções que a literatura acadêmica tem publicado, mas, ao atender o adolescente, vai olhar para sua singularidade, capacidade e possibilidade de vir-a-ser. O foco é no ser adolescente. Trabalha-se com o adolescente que está adoecido, compreende-se que o adoecimento é uma restrição de possibilidades e que o sujeito em sofrimento tem o potencial de sair das restrições e encontrar suas possibilidades. Busca-se a compreensão do jovem que se apresenta no mundo contemporâneo e o que está se passando neste momento que o leva a automutilação.

O trabalho do psicólogo com o adolescente que se automutila é um trabalho dialógico de cuidado, presença, acolhimento. O foco deste trabalho é na relação acolhedora, respeitosa e de parceria estabelecida entre psicólogo e paciente.

O profissional migra da postura de avaliador, contestador e moralista e sai da pluralidade das teorias sobre a automutilação para a compreensão da singularidade de cada adolescente que se automutila. A tentativa do trabalho é auxiliar o adolescente na compreensão de suas limitações, bem como suas possibilidades no mundo com o outro, e as suas responsabilidades de cuidar de si e da construção da sua existência.

Considerando a relevância desta temática, sugere-se que este estudo sirva como início para novas pesquisas, visto que é um tema que não se esgota e diante de sua relevância, ainda está em aberto para novos estudos que possam contribuir com pais, psicólogos e profissionais de outras áreas que lidam com esta problemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BARONCELLI, Laura. **Adolescência: fenômeno singular e de campo**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 18, n. 2, p. 188-196, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERNARDES, Suela Maiara. **Tornar-se (in)visível: um estudo na rede de atenção psicossocial de adolescentes que se automutilam**. 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135810>>. Acesso em: 12 out. 2022.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. Psicol. Esc. Educ., Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. 2021. **Boletim Epidemiológico** Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

_____. Panorama da violência interpessoal/autoprovocada a partir da análise sobre o preenchimento da ficha de notificação. **Boletim Epidemiológico 001/2019**. Rio de Janeiro: Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde, 2020; 26 p. Disponível em: <<http://www.riocomsaude.rj.gov.br/Publico/MostrarArquivo.aspx?C=wdMTu5zzZ%2BE%3D>>. Acesso em: 12 out. 2022.

_____. Boletim de Vigilância em Violência: comparação de notificação de violência antes e durante a pandemia de covid-19, **Boletim Epidemiológico**. Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia, 2022. Disponível em: <<https://saude.goiania.go.gov.br/wp-content/uploads/sites/3/2022/10/Boletim-02-2022-Comparacao-Notificacoes-Violencias-antes-e-durante-pandemia-covid-17-08.pdf>>. Acesso em: 16 dez 2022.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Viva: instrutiva notificação de violência interpessoal e autoprovocada. **Recurso Eletrônico**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 92 p. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_>. Acesso em: 13 dez 2022.

CAMPOS, B. M. do A. **Os efeitos negativos das redes sociais na adolescência**. 2021. 44f Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências da Saúde. Disponível em <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/11317>>. Acesso em: 11out. 2022.

DETONI, Lenir Lopes; DETTONI, Josenir Lopes; DETTONI, Jovanir Lopes. O homem: ser-no-mundo-com-os-outros. **Clareira-Revista de Filosofia da Região Amazônica**, v. 3, n. 2, p. 103-113, 2016. Disponível em <<https://periodicos.unir.br/index.php/clareira/article/view/3630>> acesso em: 16nov. 2022.

FELILPE, Márcio Gonçalves. A Notificação Compulsória de Casos de Automutilação e Suicídio. **Anais do Encontro Nacional de Pós-graduação**, v. 3, n. 1, p. 495-499, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unisanta.br/index.php/ENPG/article/view/2184>>. acesso em: 16 dez. 2022.

FRANCESETTI, Gianni. **Fundamentos da Psicopatologia Fenomenológica-gestáltica**. Tradução: Debora Andreza Zacharias e Claudia Lins. Ed Artesã. edição 1. 2021

FREIRE, Carlos Eduardo Carvalho. Juventude e Atualidade: Alguns elementos fenomenológicos para compreendermos a adolescência. **Revista Daseinsanalyse** Associação Brasileira de Daseinsanalyse nº 18, 2020.

FREITAS, Rodrigo Jacob Moreira et al. **Percepções dos adolescentes sobre o uso das redes sociais e sua influência na saúde mental**. Enfermería Global, v. 20, n. 4, p. 324-364, 2021. Disponível em <<https://revistas.um.es/eglobal/article/view/462631>> acesso em: 11out. 2022.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HAN, Byung-Chul. **La sociedad de la transparencia**. Espanha, Barcelona: Herder, 2013.

LIMA, Estefani Castro. **Adolescência e Cutting**: um corpo marcado pelo conflito psíquico. Ijuí(RS) 2019. Disponível em:<<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6574>>. Acesso em: 12out. 2022.

LUCZINSKI, Giovana Fagundes; ANCONA-LOPEZ, Marília. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, p. 75-82, 2010. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/kMmj5HLv6sm3hLjqJd9pDrK/?format=pdf&lang=pt>>Acesso em: 12dez 2022.

LOURENÇO, Benito; QUEIROZ, Lúgia Bruni. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. **Revista de Medicina**, v. 89, n. 2, p. 70-75, 2010. Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/46276>>. Acesso em: 16dez 2022.

MARTINS FILHO, José Reinaldo F. **Heidegger**: do ser-com ao ser-com-os-outros. Prometheus-Journal of Philosophy, 2010. Disponível em <[file:///C:/Users/IrisG/Downloads/762-Article%20Text-1897-1-10-20130301%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/IrisG/Downloads/762-Article%20Text-1897-1-10-20130301%20(2).pdf)>. Acesso em: 16nov. 2022.

MELO, T. F. C. C. Um olhar fenomenológico sobre o processo psicoterapêutico da criança. In.: GIOVANETTI, José Paulo (Org.) et al. **Fenomenologia e Psicologia Clínica**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2018. p. 73-114.

MOREIRA, Virgínia; BLOC, Lucas. O Lebenswelt como fundamento da psicopatologia fenomenológica de Arthur Tatossian. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em <<https://www.revistapfc.com.br/rpfc/article/view/998>>. Acesso em: 26nov. 2022.

NUNES, Maria Carolina Vita et al. Notificação de Violência contra a mulher em tempos de COVID-19. **BEPA. Boletim Epidemiológico Paulista**, v. 17, n. 200, p. 37-43, 2020. Disponível em <[file:///C:/Users/IrisG/Downloads/34165-Texto%20do%20artigo-2180-33415-10-20200930%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/IrisG/Downloads/34165-Texto%20do%20artigo-2180-33415-10-20200930%20(1).pdf)> Acesso em: 13dez 2022

OLIVEIRA, Andressa; DE SOUZA, Sabrinna Barbosa; COSTA, Nelzir Martins. As principais causas que levam a automutilação em adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 6, p. e7991-e7991, 2021.

OLIVEIRA, T. **Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Saúde Mental) – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2016, 20p. Disponível em: <<https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/handle/bahiana/326>>. Acesso em: 16dez 2022.

REIS, Carlos Eduardo Soares. **Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia**. From the object body to the lived body: approximations between self-mutilation and phenomenology. IGT na Rede ISSN 1807-2526, v. 15, n. 29, 2018. Disponível em <<http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/553>> acesso em 12out. 2022.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 32, n. 1, p. 105-113, 2014. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S179447242014000100008&script=sci_artext&tlng=pt> Acesso em 08set. 2022.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. **Introdução à psicoterapia existencial**. Análise Psicológica (2006), 3 (XXIV): 1-7/289-309. SÁ, Roberto Novaes de; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, p. 389-394, 2011. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/YxnvbDMYQnRZLQTNFBVVRBf/abstract/?lang=pt>> acesso em 12dez. 2022.

SALANSKIS, Jean Michel;. A Existência. Em: **Heidegger – Um Mestre na Alemanha Entre o Bem e o Mal**. Tradução Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. P. 14-53.

YANO, L. P; FIGUEIREDO, K. A. S. Lotus: estresse, pertencimento e ajustamentos depressivos. **Adolescência na clínica gestáltica** (Org) Rosana Zanella e Lia Pinheiro. 1 ed, São Paulo: Summus editorial, 2021. P. 92-110.

ZANELLA, Rosana et al. **A clínica Gestáltica com adolescentes: Caminhos Clínicos e Institucionais**. São Paulo: Summus, 2013.

_____; Pinheiro, Lia. **Adolescência e contemporaneidade:** a geração smart como figura. (Org) Rosana Zanella e Lia Pinheiro. **Adolescência na clínica gestáltica.** 1 ed, São Paulo: Summus editorial, 2021. P. 81-92